

BOLETIM –Análise de Conjuntura
EconômicaLABORES – Laboratório Econômico Social
Universidade Católica de SantosNúmero 5– setembro 2018

Este boletim é parte de um programa de pesquisa e extensão do curso de Ciências Econômicas da Universidade Católica de Santos, que é um processo contínuo de análise e disseminação de conhecimentos dos mais relevantes aspectos econômicos sociais, auxiliando à sociedade para melhor compreensão dos aspectos socioeconômicos que impactam à vida da região.

Elaborado pelo Laboratório Econômico Social (LABORES) da Universidade Católica de Santos, reúne estudantes e docentes-pesquisadores dos cursos da área de Negócios, sob a coordenação do curso de Ciências Econômicas.

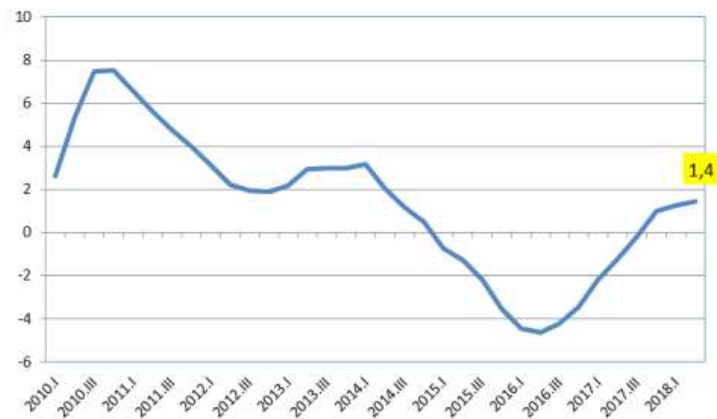
Conjuntura Econômica

A economia brasileira cresceu 0,2% no 2º trimestre de 2018, mesmo com a paralisação no setor de transportes ocorrida em maio, segundo o IBGE. A demanda interna seguiu em ritmo lento, com consumo crescendo 0,1% e investimentos caindo 1,8% na comparação com o trimestre anterior. No acumulado em 12 meses, o crescimento do PIB foi estimado em 1,4%, praticamente a metade das expectativas iniciais de crescimento para o ano de 2018 pelos economistas dos principais bancos.

O ritmo de crescimento deve ser apenas moderado no segundo semestre, tendo em vista a taxa de desemprego ainda elevada e a diminuição da confiança dos empresários observada nos últimos meses. Esse cenário limita a aceleração do consumo das famílias.

A estimativa de crescimento do PIB prevista pelos principais agentes do mercado é de 1,1% em 2018.

Gráfico 1 - PIB: Crescimento Acumulado em Quatro Trimestres, 2010.I a 2018.II



Fonte: Contas Trimestrais/FIBGE (%).

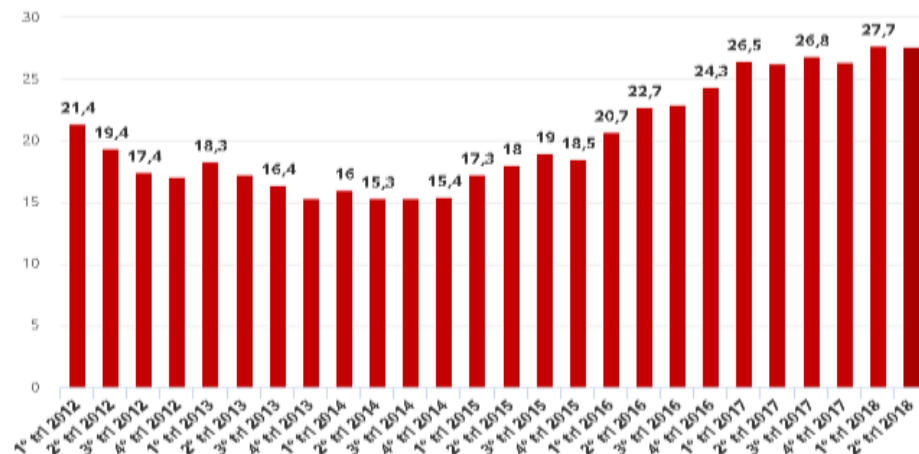
Desemprego

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) trimestral divulgada em agosto pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que existe falta de trabalho para 27,6 milhões de brasileiros.

Assim, a taxa de subutilização da força de trabalho ficou em 24,6% no 2º trimestre de 2018.O grupo de trabalhadores subutilizados reúne os desempregados, aqueles que estão subocupados (menos de 40 horas semanais trabalhadas), os desalentados (que desistiram de procurar emprego) e os que poderiam estar ocupados, mas não trabalham por motivos diversos.

Número de brasileiros subutilizados

Em milhões



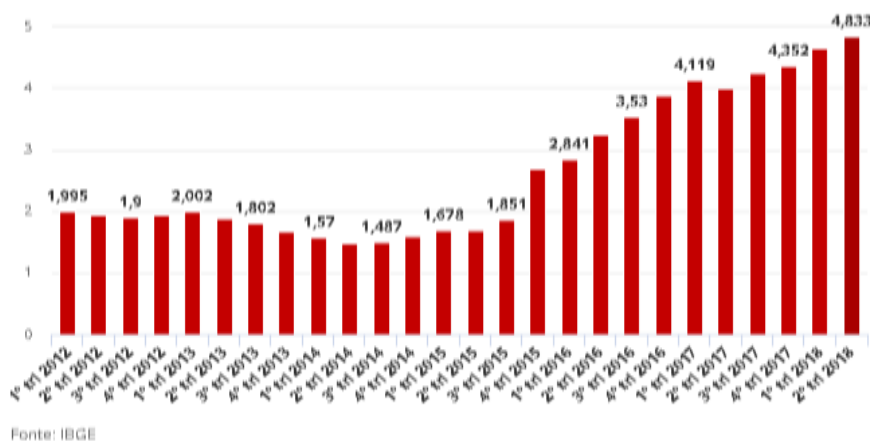
Fonte: IBGE

Os trabalhadores subutilizados no 2º trimestre de 2018:

- **13 milhões de desempregados:** pessoas que não trabalham, mas procuraram empregos nos últimos 30 dias (no 1º trimestre, eram 13,7 milhões);
- **6,5 milhões de subocupados:** pessoas que trabalham menos de 40 horas por semana, mas gostariam de trabalhar mais (no 1º trimestre, eram 6,2 milhões);
- **8,1 milhões de pessoas que poderiam trabalhar, mas não trabalham** (força de trabalho potencial; no 1º trimestre, eram 7,8 milhões): grupo que inclui **4,8 milhões de desalentados** (que desistiram de procurar emprego) e outras **3,3 milhões de pessoas que podem trabalhar, mas que não têm disponibilidade** por algum motivo, como mulheres que deixam o emprego para cuidar os filhos.

O número de desalentados atingiu 4,8 milhões no 2º trimestre, 203 mil pessoas a mais em relação ao 1º trimestre. Trata-se do maior contingente de desalentados da série histórica da pesquisa, que começou em 2012.

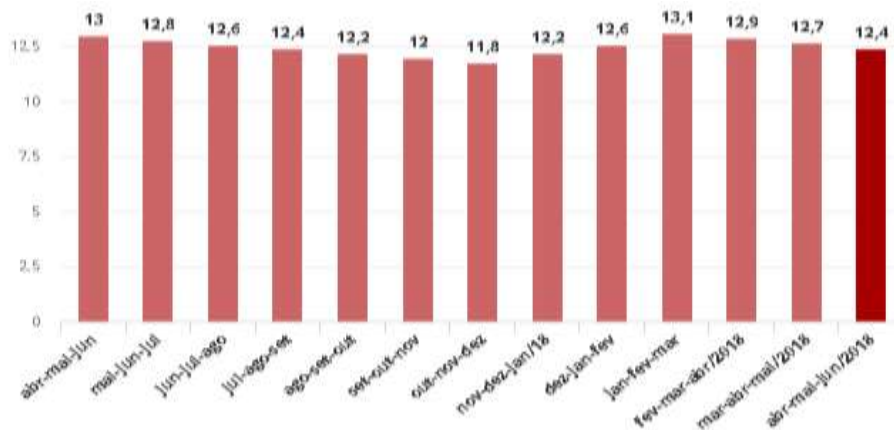
Número de brasileiros que desistiram de procurar emprego
Em milhões



Apesar da queda no número de desempregados no 2º trimestre - recuou para 12,4% no 2º trimestre, ante 13,1% no 1º trimestre- a pesquisa do IBGE mostra que aumentou o número dos que trabalham menos do que gostariam, que saíram da força de trabalho por algum motivo pessoal ou familiar, ou que simplesmente desistiram de procurar alguma ocupação. A queda da taxa de desemprego, entretanto, tem sido puxada pela geração de postos informais e pelo grande número de brasileiros fora do mercado de trabalho. Já o número de trabalhadores com carteira é o menor já registrado pelo IBGE.

Evolução da taxa de desemprego

Índice no trimestre móvel, em %



Endividamento das Famílias

A Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic Nacional), apurada mensalmente pela Confederação Nacional do Comércio (CNC), com dados coletados em todas as capitais dos Estados e no Distrito Federal, com cerca de 18 mil consumidores, apontou que o percentual de famílias com dívidas aumentou em agosto de 2018 ante o mês anterior, a segunda alta mensal consecutiva.

O percentual de famílias com contas ou dívidas em atraso também aumentou entre os meses de julho e agosto de 2018. Já o percentual que relatou não ter condições de pagar suas contas em atraso subiu na comparação mensal.

Síntese dos resultados (% em relação ao total de famílias)			
	Total de endividados	Dívidas ou contas em atraso	Não terão condições de pagar
Agosto de 2017	61,2%	25,9%	10,6%
Julho de 2018	59,6%	23,7%	9,4%
Agosto de 2018	60,7%	23,8%	9,8%

Fonte:CNC

O percentual de famílias que relataram ter dívidas entre cheque pré-datado, cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, empréstimo pessoal, prestação de carro e seguro alcançou 60,7% em agosto de 2018, o que representa uma alta em relação ao patamar observado em julho de 2018 – a segunda alta mensal consecutiva. O percentual de famílias com dívidas ou contas em atraso aumentou em agosto de 2018 na comparação com o mês imediatamente anterior, de 23,7% a 23,8% do total.

Finalizando:

A relação entre incerteza e desempenho econômico é bastante estudada entre os economistas. De modo geral, quanto maior for a incerteza, maior tende a ser o impacto negativo sobre as decisões dos agentes e, conseqüentemente, sobre investimentos, consumo, preços de ativos, custos financeiros e crescimento econômico

Portanto, uma retomada mais robusta do PIB só deve aparecer no próximo ciclo político, com a melhoria do ambiente de negócios e com a redução de incertezas.

Coordenador: Prof.º Me. Kerginaldo Tomio Yamashiro

Coordenação do curso de Ciências Econômicas, Administração e Ciências Contábeis Prof.º
Me. Elias Salim Haddad Filho.

Diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas e Saúde Prof.ª Dr. Flávia Henriques